

Projeto: “Mapeamento de terreiros de Candomblé – RJ”- IPHAN.

Local da entrevista:

Logradouro:

Data da entrevista:

Entrevistado: Roberto Conduru.

Legenda: E- Entrevistadora Márcia Netto./ R- Roberto Conduru.

R- Boa tarde, eu sou Roberto Conduru, Historiador da Arte, professor de História da Arte, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pertenço ao Ilê axé Onã aeomin em Quintino no Rio de Janeiro. As pesquisas que eu desenvolvo na área de arte afro brasilidade em grande parte envolve a materialidade das religiões de matriz africanas do Brasil, e com a minha formação em arquitetura isso implica uma seleção grande sobre o espaço dos terreiros, seus usos, enfim, é um assunto que me interessa e que me dedico muito, e já que fui chamado para falar ao IPHAN, penso que uma questão chave para falar da cidade do Rio de Janeiro, a partir de diversos autores, escritores como João do Rio ou Como estudiosos como Roberto Moura, destacaram que na região da Gamboa, você tinha nos sobrados antigos alguns terreiros, e hoje isso se disseminou... Com o tempo houve disseminação para a baixada fluminense, depois para a zona oeste, isso tem haver com a questão dos terrenos, com os espaços para as roças, esse é um dos motivos chave que articula os processos, outro ponto seria em escala nacional, a partir de algumas regiões como Salvador, Rio de Janeiro, Belém, Maranhão, Rio Grande do Sul, Recife, em escala nacional seria interessante esse projeto, e hoje dado a internacionalização das matrizes da religião africana através do Brasil, seria interessante um cd partindo do Brasil, com as informações. O foco é olhar e estudar a imagem que os terreiros têm na cidade, as casas inseridas no bairro, lá no Grajaú, tem uma que está em meio de outras comuns, e vai dialogando com as outras através da simbologia dos vasos no portão. A partir do momento que passei a ler esses sinais a cidade ganhou nova conotação, eu percebi que algumas fazem propaganda através desses sinais e as mais tradicionais que devem ser as que o projeto vem estudando, não tem, é usado um código de sinais específicos, que só é aprendido pelo povo do terreiro, outra coisa a imagem do terreiro é cambiante, é interessante porque internamente o espaço muda constantemente, seja por causa de festa, público, sempre muda ao longo do ano, sempre tem uma obra, uma demanda de orixá, de santo ou casa de alguém. São espaços onde a dinamicidade é grande. Quanto às tradições, elas se mantêm, e se mantêm negociando com o tempo e com o espaço, às vezes temos que fazer um comparativo com outras regiões, com os terreiros, enfim desde o plano macro, até o micro, existem essas variações e assim acaba expressando essa outra imagem.

E- pouca gente percebe essa dinâmica que você fala esse olhar de fora para dentro, é importante...

R- É importante para se interpretar que a tradição se mantém porque está vivo, não é somente a manutenção de regras, aquilo está vivo, sabe se atualizar, por isso é importante o que Reginaldo Prandi fala que as religiões africanas estão ligadas a uma Geografia física africana, ele fala que o terreiro é um micro cosmo dessa geografia, você encontra lá as representações do Sol, da Lua, das cachoeiras, enfim, é muito interessante. Por exemplo, um terreiro em Jacarepaguá, está com as estruturas incompletas, mas tem a marca da mata em seu espaço, representada por uma lata com três plantas, algumas coisas são imprescindíveis na estruturação do espaço do terreiro, mesmo que ele mude, ao sabor do acontecimento- a porteira, o local sagrado dos assentamentos, a mata aquilo que seria correspondente ao local mais público, isso está situado mesmo no terreiro mais simples ou em terreiro mais complexos como Pai Bira de Xangô, Mãe Beata, terreiros fortemente organizados onde cada lugar mítico está setorizado, onde é o lugar de obaluayê, o lugar de Xangô, onde é o lugar de Oxalá, o de Exu. Então existem terreiros que são verdadeiras aldeias, são pequenas Áfricas incrustadas em Nova Iguaçu, Belford Roxo, Caxias, onde reconstituem aquele micro-cosmos da base da religião, e aí é muito bonito, porque não são apenas regiões dentro do terreiro, mas o interessante é essa capacidade de reinvenção

e é muito interessante a meu ver porque se olharmos sob um prisma da arquitetura tradicional não chegaremos a lugar nenhum porque a construção ali no terreiro varia muito ao sabor do tempo, das possibilidades de dinheiro que tiveram dos recursos, da formação, também não é estática, e tem essa qualidade, pois é uma cultura no sentido de ser muito rica e trazer referências. Do ponto de vista estrutural é uma aula, não existe um primado pela função da capacidade de resolver funcionalmente, que é tão forte na cultura ocidental, ali no terreiro, o objetivo é o espaço de convivência, e que se quer integral, conectada com o cosmo, são espaços muito interessantes, que se reatualiza. É muito interessante pensar a temporalidade dentro de cada terreiro, na história de cada terreiro tem isso e mostra a possibilidade dessa cultura se tornar mais plena. Eu desenvolvo a partir da pesquisadora de São Paulo Maria Helena Lobo Salum (?) que fala como essa arte ela é moderna, mas é só na modernidade do século vinte que isso se torna público, e no caso da arquitetura isso se percebe, algumas casa falam gritando, mostrando e incorporando a linguagem da propaganda midiática, outras não, os símbolos estão ali discretamente dispostos, falam com as línguas próprias, mostrando e divulgando em torno do que a casa está mobilizada naquele momento e dia, as festas de santo, enfim, e ali no momento da reunião, muitos símbolos, muitos não-ditos da casa aparecem, estruturas, objetos e aquele espaço nova dimensão, por isso a busca de um estilo para o terreiro não é a melhor opção. Mas isso não quer dizer que seja interessante pensar o espaço sob a ótica da forma, ele é um elemento fundamental para a estruturação da comunidade seja no âmbito Religioso, seja no laico, uma vez que é esse espaço, o que estrutura o conjunto de relações da comunidade, essas alianças, que acabam dialogando com o entorno, elas não são fechadas em si.

E- Existem poucos casos onde o terreiro é fechado em si, mas na maioria dos casos existe essa integração comunitária entre o terreiro e seu entorno, são oferecidos cursos, existe a ação comunitária.

R- Eu agregaria o componente mágico, estudar a religião sem pensar aquilo que estrutura a relação, que é o componente mágico. Quando um orixá incorpora e atua naquele espaço. Aquele lugar é outro quando o orixá seja qual for desce em terra, isso transforma o sentido do lugar, os componentes que existem no espaço ganham novo sentido e daí algo fabuloso, porque se a princípio os espaços seguem determinadas regras condicionantes, hierarquias de orixás, mas que se transformam no momento da gira, então não é algo cristalizado, ao contrário é dinâmico, antigamente essas comunidades não tinham muros e dependendo do momento o ritual seguia e o terreiro se estendia até a mata, até a cachoeira, dependendo da situação. Com o processo de urbanização isso se transforma e é interessante a análise das reatualizações.

E- É interessante porque esse espaço se diferencia, o Olubajé tem um cenário, que é diferente das águas de Oxalá. O espaço aumenta ou diminui de acordo com a festa. Festa de Erê o espaço é pequeno.

R- Também o sentimento, ou clima do terreiro se modifica, na festa de Preto-Velho, aquele clima de melancolia, de todo mundo curvado, parece que a casa se encurva. Vou falar de uma experiência, numa casa, onde o orixá interfere na própria decisão da arquitetura da casa, através do jogo.

E- Tanto que no IPHAN já se entendeu que não dá para fazer tombamento e dizer que não pode fazer modificação no terreiro, entendeu - se que se o orixá disser que tem que modificar, terá que se modificar.

R- E até para respeitar um modo dessas comunidades preservarem a tradição de se comunicar com as formas do tempo, é necessário compreender a questão do gosto, o aumento das portas financeiras para esses lugares poderem se embelezar também porque não são fechados.